

Refugiados. Frente a la Catástrofe Humanitária, una Solución Real
NAIR, Sami. Barcelona: Crítica, 2016, 186 p.

Hélia Braconsⁱ

Carlos Diogo Moreiraⁱⁱ

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Este é um ensaio simultaneamente didático, rigoroso e destinado a despertar consciências.

Sami Nair é um europeísta pessimista desencantado com a Europa atual, mas um pragmático e um defensor dos direitos humanos que, em seu entender, se violam cada dia sistematicamente “os valores do humanismo ilustrado desvanecem-se pouco a pouco” (p.163).

Neste seu livro, *Refugiados. Frente a la catástrofe humanitária, una solución real*, Sami Nair diz-nos através deste contributo académico que o que se passa nas fronteiras da Europa desde há vários anos e em especial desde o verão de 2015, era previsível e anuncia uma nova época em matéria de gestão de fluxos migratórios. A lição principal é que desde a fuga de milhões de pessoas da Síria, Iraque e Afeganistão, e também da Eritreia, Somália, Nigéria ou Líbia, a distinção tradicional entre migrantes económicos e requerentes de asilo está em vias de se diluir. A União Europeia, principal destino da procura migratória por ser o continente mais rico, tende a ser cada vez mais assediada por milhões de pessoas que buscam a melhoria das suas condições de vida e empurrados pelas enormes desigualdades que a explosão demográfica, as guerras e as crises medio ambientais têm provocado em alguns países (p.17 e p.22). São especialmente vulneráveis, como nos diz o autor no capítulo 11, as mulheres e as crianças tanto na saída dos países do conflito como no trajeto e chegada a um país de refúgio, ficando frequentemente à mercê de abusos, sequestros e exploração de todo o tipo.

A Europa, diz Sami Nair, demonstrou ao longo da crise económica que se acentuou desde 2008 e da crise da austeridade que se seguiu, a sua incapacidade de solucionar este problema, designadamente para evitar o pôr em causa de valores fundamentais da solidariedade humana. Quando chegou a crise, a Europa revelou-se totalmente desunida e tornar claro que há um problema de solidariedade intereuropeia. “Mais do que nunca a Europa terá que refletir duas vezes antes de se orgulhar dos seus autoproclamados valores” (p.112).

A Europa não tem visão estratégica nem a longo nem a médio prazo. Deixa ao mercado o controle da procura migratória e não quer assumir a responsabilidade política e moral para com os refugiados. É essencial que os europeus assumam as suas responsabilidades. Se com uma população de 512 milhões de habitantes não se pode dar estatuto de refugiado a uns cinco milhões, algo está profundamente errado.

Falta de visão que não deixa de beneficiar em boa parte os movimentos xenófobos (p.22).

A grande conclusão deste ensaio encontra-se talvez nas palavras de introdução: “Que a Europa não tenha aceite os seus valores suscita a mais rotunda reprovação e apela à luta pelo respeito da dignidade dos refugiados. Não se trata só de condenar a recusa da

solidariedade, mas também de denunciar a ideia falsa e profundamente desumana que a afirma que não há solução para os refugiados na Europa” (p.13).

E é por isso um verdadeiro imperativo moral dar novo significado ao conceito de refugiado (p. 30).

ⁱ Doutora em Serviço Social. Docente na Licenciatura e Mestrados em Serviço Social na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Diretora da Licenciatura em Serviço Social (ULHT).

ⁱⁱ Doutor em Ciências Sociais (Universidade Técnica de Lisboa, 1986). Catedrático de Sociologia e Antropologia (Universidade de Lisboa). Diretor do Instituto de Serviço Social (ULHT).